

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ALLAN DWAN
17 e 25 de janeiro de 2022

FRIENDLY ENEMIES / 1942

um filme de Allan Dwan

Realização: Allan Dwan / **Argumento:** Adelaide Heilbron, segundo a peça de Aaron Hoffman e Samuel Shipman / **Fotografia:** Edward Cronjager / **Direção Artística:** John DeCasse Schulze / **Montagem:** William F. Claxton, Grant Whytock / **Música:** Lucien Moraweck / **Intérpretes:** Charles Winninger (Karl Pfeiffer), Charles Ruggles (Heinrich Block), James Craig (Bill Pfeiffer), Nancy Kelly (June Block), Otto Kruger (Anton Miller), Ilka Gruning (Sra Pfeiffer), Greta Meyer (Gretchen), Addison Richards (inspector McCarthy), Charles Lane (Braun), John Piffle (Schnitzler), Ruth Holley (Nora).

Produção: Edward Small / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 16mm, preto e branco, versão original com legendas eletrónicas em português, 95 minutos / **Estreia Mundial:** Julho de 1942 / **Inédito comercialmente em Portugal.**

Friendly Enemies foi o primeiro filme do contrato que ligou Allan Dwan ao produtor Edward Small na década de 40 e que resultou em cinco filmes feitos entre 1942 e 1945. Edward Small especializou-se numa série de produções B, principalmente filmes de aventuras, durante toda a sua carreira que vai de 1927 a 1970, com algumas produções mais ambiciosas pelo meio, como um **The Count of Monte Cristo** com Robert Donat (1934), um **The Last of the Mohicans** com Randolph Scott (1936), um **The Man in the Iron Mask**, de James Whale (1939), e como William Castle, outro especialista da série B, com a produção de **Rosemary's Baby**, de Polanski, teve também a sua produção de prestígio em 1957: **Witness for the Prosecution**, de Billy Wilder, década em que produziu uma série de notáveis thrillers dirigidos por Phil Karlson, cineasta subvalorizado que merecia uma revisão atenta, como: **Scandal Sheet**, **Kansas City Confidential** e **99 River Street**.

O filme de estreia da colaboração entre Dwan e Small será, talvez, o mais ambicioso, inscrevendo-se também dentro do cinema de propaganda que se fazia em tempo de guerra, com um tema particularmente pertinente para o tempo, a saber: a posição face ao conflito de cidadãos americanos originários dos países com que os Estados Unidos estavam em conflito. No caso de **Friendly Enemies**, os americanos de origem alemã. O filme adapta uma peça de sucesso que apareceu nos Estados Unidos em 1918, durante a primeira grande guerra, em que a questão dos germano-americanos foi ainda mais importante. A peça, escrita por Samuel Shipman e Aaron Hoffman, estreada em Nova Iorque a 22 de Julho de 1918, foi adaptada ao cinema pela primeira vez em 1923 numa realização de George Melford e com Lew Fields e Joe Weber nos papéis que, na versão de Dwan, cabem a Charles Winninger e Charles Ruggles (refira-se ainda que Winninger foi também um dos intérpretes da peça no palco).

Friendly Enemies conta a história de dois velhos amigos, Karl Pfeiffer (Winner) e Henry Block (Ruggles) de origem alemã que fizeram fortuna nos Estados Unidos para onde tinham emigrado. Com o eclodir da guerra o primeiro, orgulhoso da sua origem e dividido nas suas lealdades, manifesta-se abertamente contra as intenções do presidente Wilson de intervir na guerra contra a Alemanha, enquanto Henry, se encontra já inteiramente assimilado à sua nova pátria, apoiando, portanto, a decisão presidencial. A atitude de Karl leva a que o filho, William (James Craig) lhe oculte o facto de se ter alistado no exército e estar prestes a embarcar para a Europa. Ao mesmo tempo, Anton Miller (Otto Kruger) um agente alemão que se faz passar por um americano assedia Karl para que este contribua avultadamente para um movimento de paz, que teria por objectivo o fim da guerra. Miller, ao saber da relação de Karl com Henry, um comerciante próspero, procura convencê-lo a trazer o amigo para o movimento. Entretanto William acaba por informar o pai da sua partida perante a consternação deste que tenta, em vão, dissuadi-lo da ideia. A partir de então as coisas aceleram-se, com a notícia do torpedeamento do barco em que seguia William, resultado de uma sabotagem para que Karl involuntariamente contribuía com o dinheiro que dera a Miller.

O resto é previsível, e está dentro do género em que o filme se inscreve. O que aqui importa é menos um argumento algo envelhecido (se bem que ainda eficaz nas circunstâncias e no tempo em que foi feito) e mais o trabalho de Allan Dwan para tornar aceitável o velho melodrama. Dwan praticamente respeita a origem teatral da obra, centrando a narrativa quase num espaço único, a mansão de Karl Pfeiffer, uma sequência de planos perfeita privilegiando o plano americano e uma montagem que traz a marca das suas origens e formação nos seus tempos de pioneiro. Fórmula que foi sempre a sua até ao último filme que fez, em 1961, **The Most Dangerous Man Alive/O Mais Perigoso Homem Vivo**, e que fez dele o último primitivo do cinema, num estilo que transmitia a filmes como **The Restless Breed/À Força do Gatilho** (1957) e **Enchanted Island/A Ilha dos Homens Selvagens** (1958) uma estranha beleza primitiva que nada tinha a ver com "nostalgia", antes como uma forma de fidelidade às suas origens. Dwan conta também com um elenco notável, com Charles Winner (o futuro juiz Priest de **The Sun Shines Bright/O Sol Nasce Para Todos** de John Ford) e Charles Ruggles, perfeitos na dupla de amigos-inimigos e Otto Kruger no papel do espião alemão, personagem que no mesmo Hitchcock lhe colara na pele em **Saboteur/Sabotagem**, e em que se especializaria a seguir.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico